

D'Ori Vergalhão



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO



D'Ori Vergalhão

SIMPLÍCIO

E O COLCHÃO MÁGICO

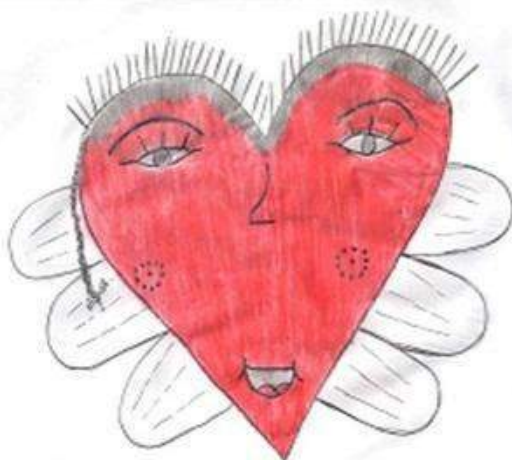
Bady Bassitt, novembro de 2015

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO



1ª edição

Somente quando não
precisarmos dizer às
nossas crianças que lhes é
perigoso brincar sozinhas
na rua, nos será dada a
garantia de que o mundo
enfim se tornou bom.



Com carinho de D'Ori Vergalhão 1998



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

A beleza é exclusividade do coração. Somente o que amamos torna-se belo aos nossos olhos.



Notas do autor:

♦ Embora contendo tantas recordações pessoais, o presente livro se trata de uma obra de ficção.

♦ Esse livro possui o desenho de capa do meu sobrinho e amigo Bruno Henrique (doze anos) e o coração da minha sobrinha e amiga Ana Beatriz (nove anos).

D'Ori Vergalhão

e-mail:

sertaneja1952@gmail.com

dorivergalhao@yahoo.com.br



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

CAPITULOS

AS LEMBRANÇAS DE SIMPLÍCIO	9
PROFESSOR RAMOS E A HITÓRIA DO LÁPIS	15
UM TRISTE NATAL	25
A FATÍDICA ENCHENTE	37
PRIMA DORALICE	43
DESILUSÃO	49
A VIDA CONTINUA	55
À PROCURA DAS IRMÃS	63
EM VERA	69
VILA REDONDA	77
UM PARENTE INESPERADO	91
O COLCHÃO MÁGICO	101



AS LEMBRANÇAS DE SIMPLÍCIO

Os anos passaram muito rápido para Simplício Argolino da Silva. Aos sessenta e cinco anos de existência relembrava, como se fosse ontem, sua infância vivida numa pequena propriedade rural dependurada à margem do Rio Congonhas, no município de Sertaneja, norte pioneiro do Estado do Paraná.

A vida era modesta e em determinados aspectos sofrida, embora a alegria embutida naturalmente no espírito infantil, a liberdade de se correr prazenteiramente pelas trilhas que margeavam o rio, pescar, nadar e empoleirar-se agilmente nas arvores do caminho a cata de frutas ou apenas para dar uma de macaco velho, dependurado a balançar nos galhos.

Roupa, praticamente se tinha a do corpo mais uma domingueira para ir à missa.

Calçado, uma vez por ano o pai comprava umas alpargatas roda, daquelas de lona marrom e solado de cerdas de corda. Quando esse se desgastava pelo uso, o remédio era torrar a sola dos pés na terra vermelha e quente do sol de meio dia, no retorno da escola da Fazenda Moinho, distante dois quilômetros.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Quanto ao agasalho para o frio tiritante das geadas paranaenses, uma ou outra blusa já rota pelo uso, que uma tia da cidade caridosamente lembrava-se de lhe doar, quando os primos ganhavam novas e nelas esnobemente vinham vestidos para lhe causar inveja.

Simplício tinha duas irmãs, Maria Lucia (não gostava de ser chamada pelo terceiro nome, Angelina), mais velha dois anos e a caçulinha a quem o pai, que provavelmente fora ao Cine Sertaneja uma única vez na vida, justamente para assistir ao filme Bonequinha de Luxo, deslumbrando-se sobremaneira com a atriz principal, pôs nome artístico.

Isso para desgosto da mãe, que nunca se conformou nem aprendeu a falar direito o nome da menina, e para gozação do moleque Simplício que desde o início cismou que Audrey Kathleen Ruston da Silva era nome de homem, não de mulher.

Mas o pai, com muito orgulho, tentava pronunciá-lo num inglês mais à Salvador que à Londres (sempre achou que a atriz era inglesa), enquanto Maria Lucia e Simplício preferiam chama-la apenas por Dinha.

Dinha nasceu num parto de risco, em casa, sob os cuidados de uma parteira experiente de Sertaneja, quando a mãe já passara há muito dos trinta anos e andava com a saúde debilitada pela penúria de uma vida inteira transcorrida na pobreza e desconforto. Chegou a este mundo com o calor de setembro de 1962, quando Simplício acabara de completar oito anos de idade.

Sempre muito mimada pelos pais, talvez pelo fato de que também nascera doentia em consequência da pouca saúde da mãe. Sofria a pobrezinha de anemia profunda que tônico nenhum, seja do farmacêutico, seja da Rita benze-deira, conseguira curar. Chorona e dengosa fazia, com freqüência, Simplício levar doídas chineladas por parte da mãe, e do pai cocorotes no cocuruto que o fazia ver estrelas.

Por isso Simplício não brincava com a irmãzinha; preferia juntar-se aos outros moleques das redondezas e fazer estripulias pelos matos, ou nadar, embora a águas barrentas, perigosamente corredias e profundas daquele trecho do Rio Congonhas.

Simplício normalmente era seguido por seu cachorro Apolo e a gata de estimação da

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

mãe, a Juquinha. Mas a gata o acompanhava somente até o início do bosque que margeava o rio. Ao topar com a primeira árvore do caminho, subia nela como um corisco e misteriosamente desaparecia meio a frondosa ramagem da galharia. Simplício bem sabia que Juquinha ia à caça dos filhotes de passarinhos e ficava apreensivo pelas avezinhas; mas era de opinião que a gata não podia ser responsabilizada pela natureza de bicho predador que Deus lhe dera. Quase sempre não mais a avistava até a manhã do dia seguinte, quando vinha faceira e ronronante dormir na caixa de lenha que a mãe mantinha sob o fogão.

Na escola, conquanto se esforçasse Simplício foi assim, burrinho. Nos dois primeiros anos de estudo apenas aprendeu a assinar o nome e fazer continhas simples, tipo $2+2=4$.

É senso comum que o ambiente da roça orienta a mente humana para a praticidade das realidades do dia a dia, daí a dificuldade para o aprendizado do abstrato e das teorias; mas no caso de Simplício e os demais meninos e meninas daquela escola, o ônus do mau desempenho cabia mesmo ao professor, que meio maluco ou “louco redondo” como em surdina os alunos o intitulavam, pouco se empenhava no ensino da

matéria didática aos seus educandos, transcorrendo suas aulas a divagar sobre fatos históricos ou científicos que, com certeza, também são importantes para a boa cultura e a ampliação do conhecimento da criança, porém como um adendo do saber.

Claro que a gurizada vibrava com as maluquices do mestre; tanto assim que quando o Professor Ramos, esse era o seu sobrenome e como gostava de ser chamado, ficou doente e a Secretaria Municipal de Ensino determinou uma professora a substituí-lo, os pestinhas deixaram-na um tanto quanto pirada. Transcorriam às cinco horas letivas na maior bagunça e algazarra a que não tinham direito. Conseqüência disso, pois se estava no ultimo bimestre de aulas daquele ano, bombaram todos, menos quatro japonesinhas que se sentavam na primeira fileira, pois essas realmente eram crânios e estudavam prá valer. Coisa de japoneses, mesmo!

Lembrava-se, Simplício, de certa vez em que professor Ramos passou metade da aula falando sobre o lápis. Contou toda sua história, tintim por tintim. Achava Simplício que o “louco redondo” até fantasiara um pouco... Ou bastante, com toda certeza!

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO



PROFESSOR RAMOS

E A HISTÓRIA DO LÁPIS

Professor Ramos Iniciou a aula, naquela manhã, com um enorme e explosivo:

- “Ka-bummmm!”

Que deixou a gurizada com os cabelos arrepiados, tal a expressão de voz e os trejeitos da cara contorcida, os olhos ora revirados nas suas órbitas, ora arregalados como se presenciassem a morte iminente de toda a humanidade, e a boca aberta a valer, ao ponto de a saliva espirrar para fora e escorrer pelo canto dos seus lábios, como se ficara redondamente louco num segundo.

- Um raio! Um raio poderoso e brilhante seguido de um trovão a ribombar pelos céus negros e pavorosos daquela madrugada de junho de um ano qualquer do início do século dezesseis. – Falou Professor Ramos num tom estridente de voz, tal fosse um bruxo.

-“Ka-bummmm!”

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Repetiu e em seguida continuou atropeladamente, como se engasgasse com as próprias palavras:

- Que veio a destroçar o grande e centenário carvalho nos arredores de Borrowdale, elevando suas grossas e retorcidas raízes fora do solo! E, sabem vocês o que um camponês encontrou, pela manhãzinha, quando verificava os estragos causados pela tempestade? Sabem? Sabem o que ele descobriu?

- A América! - Gritou João Sardento todo animado e sábio, levantando-se na carteira e esticando o braço direito para o alto.

- A América?... Sua rã empanada! Lagarto a milanesa! – Vociferou com o dedo em riste a menos de dez centímetros do nariz de João que se encolheu, rindo e fazendo caretas, no banco escolar.

- A América, quem descobriu foi Cristóvão Colombo e não foi no século dezesseis, e sim no século quinze! – Gritou colérico o Professor Ramos, esbugalhando os olhos e puxando os poucos fios de cabelos que lhe enfeitavam o cimo da cabeça, como se fosse arrancá-los num só golpe.

Voltou então a encarar de perto os demais alunos que a custo conseguira normalizar, depois da estrondosa gargalhada que quase pusera abaixo as velhas paredes de tábuas da escola.

- Claro que não, seu espantelho da Babilônia! – Urrou, ainda irritado, como se fosse devorar com os olhos vermelhos e arregalados João Sardento, pela resposta fora de propósito que lhe dera à sua pergunta. - O que ele descobriu, trazido do interior do solo pelas raízes da árvore tombada naquele raio, foi o “chumbo negro”, ou seja, a grafite. – Falou com a ênfase de um político empoleirado num palanque eleitoral às vésperas de eleição.

- E aquelas boas pessoas logo imaginaram um vasto leque de utilidade ao minério que o raio em consequência lhes revelara. Usado inicialmente para marcar ovelhas... Harammm! Logo tiveram a idéia de amarrar pedaços finos do achado em varinhas de madeira, criando assim os primeiros lápis de que se tem notícia! -

Nesse momento Professor Ramos silenciou-se como se refletisse sobre algo assas importante, mas sem que seu olhar desvairado deixasse de correr de aluno a aluno, num esforço

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

de verificar neles a eficácia de tão importante aprendizado. Logo em seguida continuou, agora com voz calma, demonstrando aparentemente que o ataque de loucura afinal tinha passado:

- Mas o lápis também teve seus precursores. O mais remoto de que sem conhecimento foram as varas queimadas, estas usadas pelos povos primitivos para gravar inscrições nas cavernas, as famosas pinturas rupestres. -

Silenciou-se novamente por mais alguns segundos, antes de prosseguir:

- Depois, no Egito, a cerca de três mil e quinhentos anos, as “varas” de rabiscar evoluíram para os pequenos pincéis capazes de produzir linhas finas e nítidas nas superfícies dos objetos. -

As crianças agora atentas o ouviam, nem mesmo um cochichinho ou vestígio de risada se notava naquela sala de aula. O professor então continuou:

- Mas, pouco mais de dois mil anos após os Egípcios inventarem os pequenos pincéis, os gregos e os romanos, não se sabe de qual primeiro foi a idéia, perceberam que estiletes de metal serviam também, ou até com mais eficá-

cia, ao propósito de registrar dados nas superfícies. Assim, por suas qualidades, o chumbo passou a ser amplamente empregado para tal fim. -

Nesse momento o professor voltou à sua mesa e sentou-se. Bebeu um golinho d'água e vasculhou entre a montanha de papéis que sempre mantinha ao lado dos livros e canetas, separou algumas folhas e se pôs a lê-las em silêncio. Os alunos concluíram que a aula sobre o lápis tinha acabado e como se aproximava o horário do recreio, começaram a se levantar, dispostos a sair para o pátio. Como um gato, Professor Ramos saltou agilmente da sua cadeira para próximo das carteiras e rapidamente as crianças voltaram a sentar-se nos seus lugares.

O mestre agora se pusera a dançar e saltitar na sala, pisando com força no chão assoalhado, fazendo os móveis trepidar.

- Achei o que precisava para continuar! Achei! -

E eufórico iniciou então à leitura dos papéis que trouxera da escrivaninha:

- O verdadeiro antepassado do lápis provavelmente seja o seu equivalente romano,

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

o “stylus”, que consistia num pedaço de metal fino, normalmente de chumbo, revestido com alguma proteção, usualmente madeira, a fim de evitar que os dedos se sujassem. O “stylus” era utilizado para a escrita nos papiros. -

Voltou a acalmar-se e agora falava baixo, como se sussurrasse as palavras. Mas o silêncio que se fazia na classe era de tal forma intenso, que os alunos o ouviam nitidamente.

- No entanto, os primeiros lápis na forma como conhecemos só surgiram no século dezesseis, talvez entre os anos de 1540 e 1565, de acordo com as anotações do escritor e paleontólogo Konrad Gesner em sua obra sobre fósseis, embora a identidade daquele que teve a boa idéia de colar dois pedacinhos de madeira com um filete de grafite embutido no centro, o lápis que hoje nos é tão útil, perdeu-se infelizmente na história, como a de tantos outros gênios inglórios desta vida. -

Arregalou dois enormes olhos e apontou com o seu dedo para os alunos:

- Grafite, meus pimpolhos, para seu governo, é um termo derivado do verbo grego “graphain” que significa escrever, e foi criado

pelo geólogo e mineralogista alemão, fundador da moderna mineralogia e geognosia, Abraham Gottlob Werner, no ano de 1789. – Deu então continuidade às suas reflexões, agora andando em semicírculo no interior da sala:

- A mina de grafite de Borrowdale permaneceu por muito tempo como fornecedora da melhor matéria prima para a fabricação de lápis. Somente na época de Napoleão Bonaparte o francês Nicolas Jacques Conte encontrou uma forma viável de produzir grafite aplicável à escrita, a partir de material inferior misturado a outros componentes a fim de lhe dar a rigidez necessária para não se quebrar com facilidade. Contudo em 1832 a importância da mina era notória, e uma fábrica de lápis veio a se instalar em suas cercanias.

Porém em larga escala industrial coube ao marceneiro Kaspar Faber em meados do século XVIII, provavelmente em 1761, quando fundou na cidade alemã de Stein, próximo a Nuremberg, sua empresa Faber-Castell, hoje mundialmente conhecida e com uma sucursal brasileira instalada na cidade paulista de São Carlos.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

A grafite, ou “chumbo negro” como já foi chamada, é um material bastante puro e sólido, posteriormente conhecido como o estado alotrópico mais comum do carbono, conforme comprovou no século XVII o químico e farmacêutico de origem sueca Carl Wilhelm Scheele. Podemos afirmar assim que é ela a prima pobre do diamante.

Atualmente empregada em vários outros propósitos, a grafite é considerada um “lubrificante seco” ótimo para uso em fechaduras e em pequenas maquinarias.

O Brasil figura entre os mais importantes produtores de lápis, pela abundância no seu solo desse precioso mineral, a grafite, e de madeira macia e com poucas fibras, como o cedro e o pinho, em suas grandes florestas. -

Parou então de falar e ficou ereto, petrificado ante aos seus alunos, como se agora jogasse o jogo da estátua viva. De repente, sem que ninguém esperasse, saltou sobre um pé só, lançou as folhas que segurava para o alto e gritou pulando sobre o assoalho da escola:

D'Ori Vergalhão

- E como não se tem certeza do real inventor do lápis, que sejam dadas a honra e a glória a Kaspar Faber! Urra! Urra! -

Concluiu então, saltando mais alto, fazendo com que lápis, cadernos e borrachas escorregassem das carteiras e fossem ao chão com a trepidação causada nas tábuas do assoalho:

- E tenho dito! -

Correu em seguida à sua mesa, agarrou a pequena marmita envolta em guardanapo de pano bem branquinho, que continha o seu lanche, e se mandou porta a fora da escola aos berros tresloucados:

- Hora do recreio macacada! Hora do recreio!
– Seguido aos trambolhões pelos meninos e meninas ansiosos de ir ao pátio da escola brincar de rela-rela.



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO



UM TRISTE NATAL

Simplício entrou na sala, se deparou com a irmãzinha espiando pela porta entreaberta as duas máquinas amarelas em pleno funcionamento, que a prefeitura trouxera para escavar o alto de uma colina próxima. Notou que Dinha se mostrava apreensiva e assustada com o movimento das máquinas e o barulho dos motores que da colina chegava ao vale do Rio Congonhas. O menino fez cara de espanto e medo, tocou o ombro da irmãzinha, apontou com o dedo para o alto da colina e disse com voz trêmula, fingindo-se apavorado:

- São monstros pavorosos! Dragões infernais e cruéis que disputam entre si, na briga, qual dos dois descera o morro até aqui para nos devorar vivos!

Dinha arregalou seus negros e bonitos olhos agora brilhantes de lágrimas, e correu aos gritos para o quarto da mãe abraçando-se a ela e escondendo a cabeça sob os lençóis da cama.

- O que você anda aprontando, moleque?
- Gritou a mãe do quarto ao presenciar a filha apavorada e trêmula.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Nesse momento o pai chegou, olhar faiscando sobre Simplício que sabendo de antemão que vinha bordoadada por aí, fugiu como doido para o quintal e desapareceu em seguida no meio do matagal da margem do rio.

Apolo, que estava deitado à sombra dos limoeiros, correu atrás do amigo quando este passou chispando pelo seu focinho.

Ficou toda aquela tarde arisco, com medo de voltar para casa. Aproveitou o tempo vadio para fazer o que mais gostava: empoleirar-se nas arvores e espiar os filhotes de sabiás e pássaros pretos nos seus ninhos.

Já há muito Simplício declarara trégua duradoura aos passarinhos, e queimara seus estilingues no fogo do fogão a lenha onde a mãe cozinhava o almoço ou fazia o café de madrugada, antes de o pai sair para a roça.

Agora lhe aprazia ver as avezinhas trinar em paz nos arvoredos ou picando os frutos maduros nos mamoeiros da roça do pai. E apreciar, nos galhos dos ipês à beira do rio, os filhotes ou ovos de muitas cores e pintadinhos de preto, nos ninhos construídos com tanto amor e esmero.

Simplício sabia onde João Sardento, Tiãozinho da Dona Luzia, e outros meninos da região, armavam suas arapucas. Ficava a espreita escondido no meio do mato, e quando os amigos se afastavam ia até lá e as destruía a pezadas.

Foi na tarde desse mesmo dia que Simplício se deparou com algumas delas, desarmadas e prendendo no seu interior duas incautas rolinhas. As libertou e, enquanto via satisfeito as aves voarem rapidamente por sobre o arvoredado, se dispôs a destruir as facínoras armadilhas.

- Te pegamos!

João Sardento, que gritara, e dois outros meninos saltaram de entre os ramos e já partiram para cima do pobre Simplício. E tome tapas nas orelhas, pontapés nas canelas e sopapos diversos onde quer que acertassem.

Simplício até tentou reagir, mas os adversários, além de serem mais taludos, eram três, enquanto ele compunha o grupo do eu sozinho.

Seu cachorrinho Apolo era meio bobalhão e achou que o fuzuê não passava de mais uma farra do menino com seus amigos. E como o

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

vira-lata adorava participar de tais brincadeiras! Ficou o tempo todo saltitando ao redor dos garotos, e quando Simplício bateu com a cara no chão, depois de uma rasteira aplicada por João Sardento, deu uma bela abocanhada no traseiro do seu dono.

Pela tardezinha Simplício voltou para casa. Cara inchada de todos os tabefes que levava, olho roxo a lacrimejar, nem tanto de dor, mas de inconformidade ante a pouca possibilidade de defesa que lhe deixaram aqueles que, até ontem, eram considerados seus melhores amigos, e hoje haviam se tornado seus inimigos de morte.

O pai o viu chegar. Nada lhe perguntou, entretanto, pois não precisava ser nenhum bidu para atinar com o que acontecera.

...

Faltava apenas um dia para o Natal. Naquela tarde a tia chegou da cidade com seus empertigados e arrogantes primos.

Simplício, como de costume, os ignorou. A tia trouxera numa sacola alguns quilos de farinha de mandioca, pacotes de macarrão, sal e duas latas de óleo. Bem sabia Simplício de que

não havia generosidade em tal ato da tia, pois o que lhes trazia nada mais eram que sobras da cesta básica que o tio recebia no final de cada mês no seu trabalho na INDUSEM, uma das indústrias de sementes instaladas em Sertaneja.

Simplício se abeirou da porta do quarto onde a mãe, enferma, jazia sobre a cama.

A tia, toda prosa e senhora de si, conversava aos cotovelos com a mãe abatida e triste pela longa convalescência. Adoecera de repente e médico algum atinara com a causa da sua doença. O pai bem achava que podiam ser aqueles bichinhos esquisitos que havia aparecido na água da mina, pequenas minhoquinhas que se retorciam frenéticas dentro da caneca. Ou, quem sabe, os bicho-barbeiro que se escondiam aos montões sob as mata-juntas que ligavam as tábuas de peroba das paredes do casebre onde moravam?

- Vocês devem levar as crianças à cidade! Vamos ter a presença de um papai-noel e serão distribuídos brinquedos e doces para todas!

A mãe sorriu acanhada. Ela enferma numa cama... O pai perdido ante as dificuldades dos últimos tempos, sem saber o que fazer da

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

vida... E a irmã faladeira metida à riquinha, dando opinião de como deveriam agir!

Às horas do entardecer a tia se foi com seus meninos bem vestidos. Simplício ficou pensativo. Bem que gostaria de ir até Sertaneja, ver papai Noel nas suas magníficas roupas vermelhas e barbas branquinhas como a neve, ganhar os brinquedos que nunca ganhara.

Na manhã seguinte Simplício saiu cedinho para os matos. Permaneceu arredio e encucado por todo o dia, sem vontade de retornar para casa. Evitou João Sardento e os outros meninos que nadavam no remanso da grande figueira, mas estes o viram de longe e começaram a gritar e fazer mote:

- E aí Simplício! Ainda vai quebrar as nossas arapucas? – E todos desataram a rir e a gritar:

- “Tó” sopapo! Direita agora! Agora pela esquerda na sua orelha de jumento! E tome chute na canela e rasteira prá beijar a poeira da estrada! – Todos pulando n’água, gritando e gargalhando juntos.

Calado, Simplício continuou o seu caminho e foi chorar escondido entre as moitas de taquaris, na margem oposta do rio.

...

Naquela noite Simplício não dormiu. Permaneceu sentado no banquinho que o pai havia feito entre as roseiras e os manacás que a mãe plantara, em frente à casa.

Permaneceu o tempo todo olhando para o céu estrelado. A mãe contara, quando era menorzinho, pois bem fazia alguns anos que se tornara amarga e já não reunia os filhos ao seu redor para lhes contar histórias, que ao nascer Jesus na gruta pequenina de Belém, uma estrela muito brilhante surgira no céu do oriente para anunciar à humanidade a vinda do Salvador.

Simplício queria ver a estrela de Belém, nessa véspera de Natal! Seu brilho lindo e azulado a abençoar a ele e as irmãzinhas que dormiam feitas anjos ali dentro do quarto próximo. Que fizesse a mãe sarar, ficar forte e alegre novamente. Guiasse o pai até Jesus; o pai que sempre fora tão bom, prestativo, e ultimamente só sabia xingar a Deus e maldizer a própria existência.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

De madrugada um clarão riscou o céu apagando as estrelinhas por onde passava. Simplício ficou esperançoso, mas nem teve tempo de fazer os seus pedidos! O brilho da estrela cadente foi rápido e fugaz e logo o céu voltou a ficar preto como dantes.

- Não! Não deve ser a estrela de Jesus! – Pensou desiludido Simplício com seus botões.

Esperou o céu avermelhar-se com os primeiros rubores da aurora, e determinado pegou a estradinha que ligava o sítio onde morava até a estrada principal que, por sua vez, conduzia a Sertaneja.

Chegou à cidade muito cedo, quase todos ainda dormiam. Não sabia aonde ir. Para a casa da tia? Nunquinha! Acha que queria ver os narizes empinados dos seus primos ricos?

Também não sabia onde encontrar Papai Noel com os brinquedos (o evento acontecera na tarde anterior, véspera do Dia de Natal). A tia não dissera e não tinha muito ânimo para perguntar aos padeiros, os únicos que já estavam de pé, apressados em cumprir suas obrigações de servir o pão quentinho e cheiroso às mesas das famílias.

Sentiu vontade de comer um daqueles pãezinhos... Mas não trazia um vintém furado sequer no bolso!

Já pelas tantas do dia entrou desapontado na praça, ficou a olhar as crianças alegres e vestidas com roupas novas brincando com suas bolas e bonecas sobre o gramado.

Depois de muito relutar, resolveu indagar aos dois senhores que conversavam sentados num dos bancos. Um era de descendência japonesa e o outro brasileiro, ambos comerciantes da Rua Quinze de Novembro.

Estranharam por vê-lo sozinho ali, descalço e com roupas rotas em pleno Dia do Natal. O japonês foi quem o reconheceu, pois comercializava ovos e hortalças na sua mercearia e, vez ou outra, aparecia no sítio onde moravam, para negociar com o pai.

Simplício tentou explicar-se, todo sem jeito:

- Só queria ver Papai Noel e ganhar um presentinho! – Balbuciou de cabeça baixa.

Naquele momento o sino da igreja badalou, chamando os fiéis à missa.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Um dos comerciantes se levantou, despediu-se do amigo e se pôs a caminhar em direção ao templo.

Mas parou repentinamente e virou-se para olhar mais uma vez Simplício que, desenhado, já tomava a direção inversa, sem rumo, perdido no seu desânimo.

Então o comerciante voltou e tomou Simplício pela mão. O menino viu os olhos do bondoso homem cheios de lágrimas enquanto balbuciava:

- Perdoa-me Jesus, pela minha incongruência! Perdoa-me!

O japonês continuava sentado no banco da praça, atento a observá-los.

- Vou levá-lo até minha sapataria! – Disse o lojista conduzindo Simplício pela mão.

- Está bem! Fico aqui por enquanto! - respondeu o nipônico.

Momentos após avistou Simplício retornando em companhia do amigo. O menino vinha abraçado, todo sorridente e feliz, a um par novinho de botinas. Jamais tivera um na sua vida, pois nunca sobrara dinheiro ao pai para

comprá-las! Sempre se mostrara contente com as alpargatas que o pai lhe dera, mas bem que no fundo sonhara o tempo todo com um par de botinas amarelas. E agora, justamente as ganhara! - Um par de botinas amarelas novinho, vejam só! - Olhou mais uma vez o selinho colado na sola do calçado. - Novinhas mesmo!

O japonês ficara em pé e sorria o tempo todo. Olhou com orgulho o amigo sapateiro abraçando-o fraternalmente.

- Você foi ótimo, meu amigo! Mas eu também quero fazer a parte que me cabe!

Logo mais Simplício deixava a cidade, sentado ao lado do seu amigo japonês, na linda e barulhenta charanga Ford que ele possuía.

No sítio, o pai esperava por Simplício. Jeito de poucos amigos, seus olhos prometiam ao encarar o menino que descia da charanga apertando junto ao peito o presente que ganhara.

- “Nô vai batê no criança nô!” – Disse o japonês no seu sotaque peculiar em repreensão ao pai, enquanto retirava a caixa de mantimentos que trouxera e a entregava a ele que não soube o que falar para agradecer.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

- “Um bom Natal, né?” – Apertou a mão do pai efusivamente, após a caixa ser deixada sobre a mesinha da sala, e se foi na sua charanga fumarenta, acenando um adeus.

A seguir o pai chamou Simplício ao quarto da mãe. Esse obedeceu ressabiado, foi agarrado ao seu par de botinas amarelas. Ambos abraçaram o menino e choraram... Pelo menos um teria que ser feliz naquele Natal!

Da porta do quarto as irmãzinhas os espiavam. Como queriam, pois ter ido com o irmão à cidade ver Papai Noel, e quem sabe também ganhar, como Simplício, um par de sapatos novinhos!



A FATÍDICA ENCHENTE

Fevereiro chegou e com ele um novo período letivo. Mas o mestre já não era o “louco redondo”. Professor Ramos fora afastado definitivamente do seu cargo, após denúncias de muitos pais que o acusavam de não cumprir sobriamente com seus deveres docentes.

As crianças ficaram muito tristes, pois, apesar de tudo, Professor Ramos lhes era muito querido.

Falava-se até que fora internado num manicômio de Marília, para tratamento da sua paranóia. Simplício sentiu muito a falta do seu professor, e angústia por não saber com certeza o que lhe sucedera.

Além disso, professora Areolina que o substituíra era uma chata, só sabia pegar no pé dos seus alunos; achando que ensinava muito sempre falava mal do antigo professor.

Não soltava um momento a grande régua que utilizava para traçar linhas no quadro negro e a qualquer pio, sobravam reguadas na cabeça das crianças. Simplício simplesmente a odiava!

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Durante o mês de março choveu muito e Simplício ficou alegre, pois passou a maior parte dos dias em casa, sem poder ir à frequência da escola.

No final do mês, certa tarde, preocupado e nervoso o pai entrou no quarto da mãe. O rio transbordara com as enchentes e a água subia rapidamente em direção à moradia. Uma vida inteira passada naquela região e nunca presenciara cheia tão grande no Rio Congonhas.

O pai teimou ainda em permanecer, até que viu as lamacentas águas chegar aos limoeiros, pouco mais de dez metros das paredes do casebre.

Simplício já completara onze anos; ainda era bem criança, mas forte o bastante para ajudá-lo a retirar a mãe enferma do casebre e levá-la, numa maca improvisada com o próprio estrado da cama, para um local seguro no alto da colina. Embora a mãe estivesse tão magrinha, Simplício sentiu-se fatigado com o esforço. Subiu a encosta aos tropeções ao passo que a irmã Maria Lucia carregava nos braços a pequena Dinha que chorava assustada e com frio, pois a chuva não cessava e as rajadas de vento os fustigavam implacavelmente.

O pai os deixou a salvo numa encosta e voltou apressado a procura de uma lona. Quando chegou ao pé da colina, se deparou com a casa já invadida pelas águas turvas e agitadas.

Arregaçou as pernas das calças e entrou nas águas barrentas, com dificuldade chegou até a casa. Na cozinha agora alagada, deparou com Juquinha empoleirada sobre a mesa, tentando fugir da cheia que subia pelas paredes a olhos nus. Mas o pai não gostava nem um pouquinho daquela gata pulguenta; apenas a tolerava por ser ela o xodó da mãe.

Lembrou-se de pegar na gavetinha do guarda-louça a bolsinha de couro preto, onde eram conservados os documentos do casal e das crianças, e a enfiou com certa dificuldade no bolso da calça. A seguir retirou a lona que estava guardada no quartinho contíguo e saiu pela porta dos fundos da casa, não sem antes dar mais uma olhadela na gatinha desesperada miando sobre o móvel. Ao chegar ao quintal lembrou-se do cachorro Apolo, mas há dias não o via e não atinava com seu paradeiro, num momento de desespero como aquele.

Já se pusera a subir a encosta da colina no retorno, quando fortes estalos de madeira se

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

rachando o alarmaram. Parou por um momento e olhou para trás. Viu horrorizado sua casa desmoronar-se num amontoado de caibros, tabuas e telhas que aos poucos eram arrastados, pelo furor da correnteza, rio abaixo.

Voltou com o coração amargurado ao alto do morro onde deixara esposa e filhos, mas nada lhes contou para evitar um sofrimento a mais e inútil a quem já padecia tanto. Com ajuda de Simplício se pôs a prender a lona ao tronco de uma arvorezinha, improvisando uma barraca para abrigar precariamente a família.

Julgou que poderia fazer uma pequena fogueira para aquecer a mulher enferma e as crianças que tremiam de aflição e frio. Mas onde conseguiria lenha seca em meio a toda aquela chuva incessante?

Enterrando na cabeça o chapéu de palha até as orelhas, se pôs a descer novamente a encosta, agora do lado oposto do morro. Dirigia-se à casa do compadre Tônico para pedir-lhe ajuda, e ao seu vizinho, Zé pescador.

Simplício abraçou-se à mãe e às irmãs no intuito de se aquecerem um pouco. A senhora longamente os olhou com ternura e então

sorriu. Há quanto tempo Simplício não via um sorriso no rosto abatido da mãe! Até estranhou que isso pudesse acontecer em meio a toda aquela tragédia.

A enferma pediu a atenção do filho e se pôs a falar baixinho, em sussurros. Simplício no início não entendeu suas palavras, mas se atentou no que a mulher se esforçava em lhe dizer. Encostou-se mais à mãe e trouxe sua cabeça ao seu colo, acariciando com seus pequenos dedos os cabelos embranquecidos e emaranhados da genitora, que voltou a sorrir-lhe.

- Me promete que cuidará das suas irmãzinhas? – Simplício notou inquietude e medo nos olhos da mãe. Esta insistiu: – Promete para sua mãe?

O menino não conseguiu responder-lhe, um nó na garganta o impediu de fazê-lo. Sua visão turvou-se pelas lágrimas e simplesmente fez um aceno que sim com a cabeça.

Logo mais a doente fechou os olhos, estremeceu e pendeu a cabeça para o lado. Simplício entendeu que a mãe dormia um pouquinho. Também pudera! Deveria mesmo

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

estar cansada depois de tanto infortúnio que sobre eles se abatera.

Momentos após chegou novamente o pai, acompanhado de outros homens. Simplício o olhou com temeridade e mostrou a mãe, ainda com a cabeça reclinada no seu colo.

- Mamãe está dormindo!

O pai ficou apreensivo. Agachando-se ao lado da esposa, sentiu-lhe o pulso e levou a outra mão às narinas da mulher. Em seguida encostou seu ouvido no peito da enferma numa tentativa de auscultar-lhe as batidas do coração, mas levantou imediatamente a cabeça, com os olhos deitando as lágrimas, e angustiado fitou os amigos ali em pé ao redor da barraca.

- Deus do céu! Está morta!



PRIMA DORALICE

A tia até foi bondosa por acolher as crianças na sua casa, e deixar o pai velar o corpo da mãe na salinha da frente, onde somente pessoas importantes entravam.

No meio do dia um carro de praça parou frente ao portão e dele desceu uma mulher ainda jovem, vestida elegantemente. Sem cerimônia entrou na sala, abraçou-se ao pai e em prantos revelou-lhe ser Doralice, prima de segundo grau por parte da família da mãe. O pai não a conhecia. A moça contou-lhe depois que morava em São Paulo e que soubera da morte da parenta através do noticiário de uma rádio paulistana. Tomara incontinenti um vôo até Londrina e alugara um carro de praça para chegar a Sertaneja.

O pai, coitado, nem cabeça tinha para pensar, naqueles momentos de tanta dor e sofrimento que lhe abatiam os ânimos.

Um pouco antes de fechar o caixão, onde a mãe agora jazia quietinha envolta em véus e pétalas de flores, a tia chamou o pai de lado e falou-lhe ao ouvido:

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

- Podem permanecer por dois ou três dias, depois têm que arranjar outro local, pois minha casa é pequena e fica complicado para eu abrigar vocês aqui.

O pai simplesmente acenou afirmativamente com a cabeça.

Segundo um antigo costume na cidade, o cortejo fúnebre se encaminhou até a igreja, para que a falecida recebesse a bênção do sacerdote, antes de se dirigir ao cemitério municipal distante cerca de dois quilômetros do perímetro urbano.

A misteriosa prima não deixou o pai um momento sequer sozinho. Ao seu lado o amparou na sofrida caminhada até o campo santo e o susteve num abraço fraternal no momento triste de lançar os punhadinhos de terra sobre o caixão, já dentro da vala, antes de os coveiros cumprirem sua missão de jogar as pazadas que sepultariam para sempre o corpo da mãe.

De retorno à cidade, já ao cair da noite, a jovem sentou-se ao lado do pai, no sofazinho da sala; mais tarde chamou a tia que diligentemente preparava o jantar na cozinha.

Esta, a contragosto, veio até a sala enxugando as mãos no avental, para se inteirar do motivo que a chamavam.

- Estive falando com o primo. Ajude-me a convencê-lo a deixar que eu leve as meninas para minha casa, em São Paulo. Somente até as coisas se normalizarem por aqui! Prometo cuidar bem das crianças e, assim que o pai desejar basta escrever-me que as trago de volta. Penso ser agora o melhor para elas. O que você acha prima?

A tia estava impaciente para voltar à cozinha, pois o arroz perigava queimar na panela. Falou sem pensar no assunto:

- Acho ótimo! - E olhando o pai, indeciso e amargurado com a proposta. – Não tem como você cuidar das meninas, nesse momento! Simplício já é crescido e é moleque, consegue se virar muito bem sozinho. Mas as meninas é somente dor de cabeça para você! Deixe-as com a prima até as coisas se recomporem!

O pai ficou de pensar. Naquela noite não conseguiu pregar os olhos e de madrugada foi encontrar-se com Doralice na cozinha, onde a moça tomava uma xícara de café antes de se

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

dirigir a rodoviária a fim de pegar o ônibus das seis horas, com destino à Assis, no seu retorno para São Paulo.

- Promete cuidar bem das minhas duas pequenas?

A moça abriu um sorriso até as orelhas e esfregou as mãos, demonstrando, sem disfarçar, a satisfação pela aparente decisão do primo. Timidamente o pai continuou:

- E deixa um endereço para escrever-lhe ou ir eu pessoalmente buscá-las, quando me aprouver?

A prima o abraçou efusivamente e falou com voz embargada de emoção.

- Como você me deixou feliz agora! É claro que lhe dou meu endereço, seu bobinho! Não precisará buscá-las! Basta você escrever e as trago sem demora!

Tirou da bolsa um pequeno caderno, rabiscou um endereço numa das suas folhas e a soltou, entregando-a ao pai.

As meninas não tinham roupa para trocar. Estavam, desde a chegada à cidade, com

vestidos de crianças da sua idade, que mães caridosas lhes haviam trazido.

- Compro-lhes roupinhas novas e bonitas, assim que chegarmos a São Paulo! – Disse a prima às crianças.

Pouco antes das seis horas já estavam à espera do ônibus na calçada do Hotel Paraná, defronte à praça, que servia de estação rodoviária à cidade.

Este chegou um pouco atrasado, devido à precariedade da estrada que ainda era de terra e cascalhos. O Pai olhou apreensivamente a porta do veículo se abrir para deixar alguns passageiros e recolher a prima com as suas meninas.

Sentiu um arrocho no coração, esteve a ponto de retroceder, agarrar suas queridas filhas e carregá-las de volta. Mas, para onde as haveria de levar? A tia já demonstrara não os querer na sua casa. Seu casebre à beira do Rio Congonhas já não existia e o que mais agravava a situação, a mãe tinha ido morar com Deus.

Chorando abraçou as garotas, sentiu-se apalermado e perdido ao vê-las embarcar com a prima no velho ônibus que mantinha seu motor

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

ligado, rosnando assustador como se fosse fera selvagemmente traiçoeira.

Com os olhos embaçados das lágrimas que lhe banhavam o rosto, gritou numa última mostra de carinho à Dinha e à Maria Lucia que espiavam pela janela do ônibus e jogavam-lhe beijos:

- Deus as abençoe, minhas filhas! Até mais, Maria Lucia! Até a ver Dinha, minha querida e pequena atriz! Voltem logo para fazer o seu papai contente! Voltem! Voltem logo, minhas princesinhas!



DESILUSÃO

Cerca de dois meses se passaram e afinal, a vida voltava à normalidade para o menino Simplício. Um granjeiro do município dera emprego ao pai e cedera uma pequena casa, de sua propriedade, na Rua Rocha Pombo, para que morassem.

Foi também nessa época que um mecânico especializado na linha Volkswagen, dono de uma oficina estabelecida à Avenida Sete de Setembro, convidou Simplício para ser seu ajudante geral. Pagava-lhe pouco, pois os tempos eram difíceis, mas em contrapartida dava algo de valor inestimável ao menino, já que lhe ensinava pacientemente as artes do seu ofício.

E Simplício aprendia com facilidade. Estudava no Grupo Escolar no período da manhã e passava todo o restante do dia na oficina do amigo, só retornando a casa pela noite, sempre muito alegre, com a cara e o macacão que o vestia sujos de graxa.

No entanto o pai morria de saudades das filhas e sentiu que chegara a hora de tê-las de volta no seu convívio.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Procurou o papelzinho contendo o endereço da prima e escreveu-lhe alegremente uma carta, pedindo que encarecidamente lhe trouxesse as meninas, agradecendo inúmeras vezes no texto escrito sua generosidade por ter cuidado das crianças nos momentos de desventuras pelos quais passara.

Alguns dias após, o carteiro bateu palmas no portão.

O pai ficou sem entender, pois a carta que lhe trouxera era a sua, escrita para a prima de São Paulo.

O carteiro pacientemente lhe mostrou os carimbos que os correios tinham apostado no envelope.

“Devolver ao remetente”

E logo abaixo:

“Destinatário ou endereço não localizado”

E assim foi com as demais cartas que apreensivelmente o pai escreveu à prima. Todas foram devolvidas com o mesmo motivo carimbado, pelos correios, no envelope.

O pai desesperou-se. Deveria ser algum engano, não era possível! Precisava pedir ajuda a alguém! Precisava!

Lembrou-se que um lojista de origem árabe, que possuía sua loja de variedades na Rua 15 de Novembro, nas imediações do Foto Kaneko, fazia rotineiras viagens a São Paulo, a fim de comprar mercadorias para o seu comércio.

O procurou, entregou-lhe o endereço da prima e voltou para casa com a promessa do comerciante averiguar em São Paulo, no intuito de descobrir algo sobre o paradeiro das crianças.

Numa manhã de sábado o bom homem mandou, por intermédio de um balconista da sua casa comercial, chamar ao pai.

Embora demonstrasse tristeza, foi franco ao lhe devolver o papel com o endereço:

- Não existe! Até há uma rua com nome semelhante no bairro que sua prima citou, mas é uma rua de apenas três quarteirões e estritamente comercial. Não há residências por lá e ninguém soube dar informações!

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

O chão parececeu faltar aos pés do pai. Um torpor subiu-lhe às têmporas, o coração disparou quase a escapar pela garganta. Nem se lembrou de agradecer a presteza do homem, partiu em carreira desesperada à casa da tia.

- Mas você demonstrou conhecer a tal prima!

A mulher assustada o olhou e procurou gritar mais alto que o pai, no intuito de espantar o pavor que dela se apossara.

- Você deve estar ficando louco! Em momento algum eu disse conhecer Doralice, pois realmente nunca a vi mais gorda! Não temos parentes em São Paulo, eu e a minha irmã falecida. Nossos irmãos, tios e primos moram todos no Mato Grosso!

O pai sentiu que perdia a cabeça. Já estava próximo à porta de saída para ir-se embora, mas voltou num salto, e trincando os dentes gritou agarrado ao pescoço da tia:

- Você me paga, maldita! Vou matá-la como se mata um cão raivoso!

A tia, meio sufocada, se pôs a gritar, enquanto tentava desesperadamente livrar-se

das garras do pai. O tio cuidava das hortalças, no quintal; entrando as pressas na cozinha ficou perplexo, demonstrando não entender o que ali sucedia. Mas caiu em si em seguida e partindo para cima do pai desferiu-lhe violento soco na testa, fazendo-o largar o pescoço da tia e rodopiar, caindo sobre duas cadeiras destroçando-as.

Porém o pai não se deixou abater, levantou-se e cheio de ódio investiu contra os dois parentes.

Nesse momento, vizinhos alarmados com o barulho e os gritos acorreram a casa, e enquanto alguém segurava o tio, dois homens arrastavam o pai ainda fora de si, para o meio da rua.

Menos de um quarto de hora transcorrido, Simplício viu o pai entrar aos tropeções na pequena casa onde moravam. Totalmente descontrolado, se pôs a quebrar com fúria os poucos objetos que haviam ganhado da comunidade, enquanto gritava palavras desconexas. O menino, assustado, correu para fora da casa, pôs-se a chorar, sem entender a loucura a que o pai fora cometido.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

O pai então veio ao quintal. Descabelado, olhos vermelhos, rosto completamente transfigurado.

Simplício quis fugir, mas não encontrou uma saída. Atrás de si estava a cerca de balaustres que dividia os quintais e pela frente o pai enlouquecido avançava em sua direção.

Mas caiu de joelhos aos pés do filho e em choro convulso abraçou as suas pernas:

- Fomos enganados, Simplício! Nunca mais veremos suas irmãs! Nunca mais!



A VIDA CONTINUA

Simplício, que sempre fora alegre e brincalhão, tornou-se um menino triste e calado. Era comum ser ridicularizado pelos colegas de escola ou por fregueses na oficina onde trabalhava:

- Então rapaz! O gato devorou-lhe a língua?

O rapazinho quase sempre não dava atenção ao freguês que lhe falava, ou no máximo esboçava um sorriso amarelo.

O mecânico tomava então a pessoa pelo braço e a arrastava até seu escritório:

- Deixes o pobrezinho em paz! Não atinas com a dor e a tristeza que lhe despedaçam a alma!

O pai ainda viveu por outros cinco anos. Emagrecido e aparentemente velho, não houvera um dia sequer que Simplício não o visse chorar por algum momento, principalmente à noite antes de se deitar ao fazer suas orações.

O granjeiro que o empregara, compreensivo e bondoso entendia sua situação, o

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

desespero por não saber do paradeiro das suas queridas meninas. E embora o pai tantas vezes abandonasse o serviço para ir chorar escondido no galpão das ferramentas, o conservou a trabalho na propriedade.

Simplício acompanhou o pai, naquela manhã em que o delegado de polícia o mandara chamar. As buscas feitas pelas autoridades haviam sido completamente vãs não dando com nenhuma pista de Doralice ou das meninas.

O delegado era um homem educado, mas não tinha papas na língua.

- O senhor foi muito ingênuo em acreditar naquela mulher! Como poderia ela saber da tragédia da sua família por intermédio de uma rádio de São Paulo?

E retirando do processo uma página de jornal a mostrou ao pai.

- Veja o senhor! A edição da Folha de Londrina daquela manhã trouxe, na primeira página, a reportagem sobre a enchente do Rio Congonhas. E nela, olhe aqui: está a foto das suas meninas, além de citar o endereço da tia onde se velava o corpo de sua esposa.

O pai aí se recordou que, realmente, na equipe de resgate que os levava para Sertaneja, estivera presente um fotógrafo que tirara muitas fotografias. O delegado então continuou:

- A seqüestradora das suas crianças se encontrava nas imediações; em Londrina, provavelmente. E foi através do jornal que soube do acontecido, não pela radio paulistana!

O pai baixou a cabeça, desanimado. O delegado bateu-lhe no ombro:

- Vamos continuar as buscas! Mas não espere resultado satisfatório.

- E por quê? - O pai indagou agora olhando o delegado com ansiedade.

- Já não devem mais estar no Brasil, entende? Quase a totalidade das crianças aqui roubadas é levada para o exterior, principalmente para países da Europa: Itália, Portugal, Espanha, França... E de lá são remetidas para lugares ainda mais distantes, como China e Rússia, por exemplo. São vendidas para fins escusos, somente algumas são levadas para adoção. A maioria delas...

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Olhou de rabo de olho Simplício que o ouvia atentamente, e cochichou alguma coisa no ouvido do pai que o deixou completamente desnorteado. Com os olhos transbordando lágrimas o pobre homem se despediu do delegado e levantou-se para se retirar, mas em seguida levou ambas as mãos à garganta e caiu pesadamente no chão da delegacia, sem um pio.

O médico foi chamado às pressas e o pai encaminhado ao seu consultório, à Avenida Nossa Senhora do Rocio, pouco abaixo da popular Rua Estreita.

Chegou ainda desacordado, porém logo o experiente médico o fez voltar a si. Momentaneamente pareceu permanecer alheio aos cruéis acontecimentos que lhe tinham devastado a vida, mas aos poucos as recordações vieram e com elas o desespero. Pôs-se aos gritos, e chorando muito bateu inúmeras vezes com a cabeça na parede de madeira do consultório.

- Deixem-me morrer, por favor! – E avistando o médico à sua frente, que lhe preparava uma injeção com calmante:

- Por que o senhor me fez retornar à vida? Por quê? Nada mais me interessa desse mundo maldito! Nada mais me importa! Nada mais!

...

A partir de então o pai foi se definhando. Morria lentamente a cada dia.

Naquela noite chamou Simplício e pediu-lhe que se sentasse ao seu lado:

- Estou prestes a me encontrar com sua mãe, no céu.

Simplício mexeu com a cabeça negativamente, numa tentativa mental de reverter mais uma situação dolorosa. Abriu a boca para falar qualquer coisa ao pai, mas este não o deixou continuar.

- Não mereço que a minha vida se prolongue! Fracassei na maior missão que Deus me deu, cuidar para que nada de mal acontecesse aos meus filhos.

Em vão Simplício quis retrucar, pois o pai continuou a falar em seguida, para não lhe dar tempo de dizer uma única palavra.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

- Sou um inútil! Minhas filhas estão perdidas, por esse mundo insano, para sempre! E vejo você, meu filho, triste e abatido por causa da minha incapacidade. Eu fui o culpado de toda a desgraça que se abateu sobre nossa família! Somente eu!

Parou de falar por um momento e olhou ternamente para o filho sentado ao seu lado na cama. Levantou o braço e tirou com os dedos calejados as lágrimas que escorriam dos olhos do adolescente.

- O tempo para mim se esgotou, mas você o tem muito ainda à sua disposição. Quero que me faça um favor... Um favorzinho apenas ao seu velho e cansado pai!

Silenciou-se novamente antes de concluir:

- Não deixe as buscas pelas suas irmãs ser abandonadas! Preciso for, vá você procurá-las! Sei que Deus estará consigo guiando os seus passos, e quem sabe terá você mais sorte que eu nessa incumbência!

Simplício sentiu-se totalmente perdido. Prometera à mãe zelar pelas irmãzinhas e falha-

ra completamente. E não havia a menor probabilidade de acertar agora com o pai.

Mesmo assim, tranqüilizou o pai prometendo que voltaria a procurar Maria Lucia e Dinha; mesmo sem saber por onde começar.

O pai veio a falecer numa manhã de setembro. Foi sepultado sob uma chuva miúda que se prolongara por todo aquele dia, como se o céu também chorasse por quem tanto sofrera nesta vida.

Simplicio ainda permaneceu em Sertaneja por outros dois anos, esperando chegar à maioridade. Só então pediu acerto de contas na oficina mecânica e despediu-se dos seus amigos.



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO



À PROCURA DAS IRMÃS

Simplício preparou a mala para a viagem. Ia cumprir a vontade do pai, embora de antemão soubesse que sua missão estava fadada ao fracasso.

Passou boa parte da noite pensando no que faria. Decidiu começar por São Paulo, ver com os próprios olhos a rua do endereço deixado pela falsa prima da mãe.

Quem sabe não teria ele mais sorte em descobrir alguma pista das suas irmãs, por ínfima que fosse?

Porém Simplício em seus dezoito anos de vida, jamais saíra de Sertaneja e nunca imaginara que pudesse existir uma cidade tão grande quanto São Paulo.

Desembarcou na Rodoviária da Luz (Julio Prestes) e ficou perambulando pelo centro da cidade, sem saber para onde ir. Resolveu então chamar um taxi e mostrou o endereço constante no papel (era a mesma folha de caderno que Doralice entregara ao pai, conservado consigo até a morte).

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

O taxista percebeu que Simplício viera do interior e rodou por uma hora e meia pela cidade. Simplício estranhou, pois lhe pareceu que haviam passado pelos mesmos locais várias vezes!

- O senhor me desculpe, mas acho que está tentando me confundir! – Protestou o rapaz.

- Ara! Meu chapa! Você se julga muito esperto? Eu sei o que estou fazendo, fique tranqüilo. Já estamos quase chegando.

Logo mais parou numa rua calçada de paralelepípedos, veio até a porta de traz do carro e a abriu para Simplício descer.

- Chegamos!

Do pouco dinheiro que Simplício trouxera, dois terços foram parar entre os dedos do desonesto taxista.

Constatou Simplício que o lojista de Sertaneja não se enganara: a rua era composta em ambos os lados de prédios comerciais. Entrou na primeira loja e se pôs a conversar com o proprietário.

- Infelizmente, não tenho como ajudá-lo! Só posso lhe informar que não há nenhuma residência por aqui, e como a prioridade das lojas é de artigos infantis, por aqui transitam, todos os dias, centenas de crianças acompanhadas de seus responsáveis. Muitas delas até se encaixam no perfil que você citou, mas como ter certeza que são as suas irmãs? Depois, há algo que complica e em muito a situação! Pelo que falou você, suas irmãs já não são crianças, pois se passaram sete anos desde o sequestro.

Simplício caiu das nuvens.

- De fato! Hoje Maria Lucia deveria estar com vinte anos. Somente Dinha seria uma criança de dez anos, já que na época tinha três.

Mesmo assim visitou as demais lojas da rua e contou sua história, na esperança de que aflorasse alguma pista que o ajudasse a cumprir a promessa feita ao pai moribundo.

Mas ninguém soube informar.

A tarde caia, e sentindo o cansaço, Simplício indagou de uma pensãozinha onde pudesse passar a noite. Indicaram-lhe uma, a poucas quadras dali.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Já na pensão, o rapaz se interou de que o dinheiro que lhe sobrara no bolso mal pagaria a cama por uma noite. O prato de comida foi lhe servido de graça, por caridade da proprietária do local.

Havia poucos hóspedes, naquela noite. Durante o jantar um rapaz de pele queimada pelo sol e sorriso alegre no rosto, sentou-se do seu lado.

- De onde vem você? – Perguntou o moço ao Simplício.

- Venho do interior do Paraná.

- Por acaso está procurando ocupação, em São Paulo?

Simplício ficou desconfiado o que foi imediatamente percebido pelo rapaz que lhe bateu amigavelmente no ombro, sorriu e tratou de se explicar:

- Não carece ficar nervoso não, amigo! Se for emprego que você quer e não se opõe que seja fora de São Paulo, o tenho a lhe oferecer.

Simplício mostrou-se mais confiante. O rapaz continuou.

- Já ouviu falar de Vera e Sinop, no Mato Grosso?

Simplício nunca ouvira, mas recordando-se que a tia dissera ao pai que os parentes da família estavam enraizados no Mato Grosso, mostrou-se interessado.

- São duas comunidades que estão nascendo no interior do Estado. Venho de Vera distante 457 km de Cuiabá, e sou Leonardo Prestes, funcionário da Loteadora Sinop, Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná, que no momento projeta essas duas cidades, e tenho a incumbência de contratar trabalhadores. Têm que ser homens de fibra e coragem para enfrentar os rigores das selvas de Mato Grosso... Você topa?



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO



EM VERA

A viagem de ônibus foi longa e cansativa. Chegaram a Sinop no meio do dia e uma camioneta Toyota os esperava para levá-los a Vera, distante 71 km dali.

Simplício ficou maravilhado com tanto verdor ao redor da estradinha de terra cheia de charcos e grandes trechos de areia fina e avermelhada que faziam a Toyota, embora tracionada nas suas quatro rodas, derrapar de vez em quando.

Bandos de araras, periquitos e maritacas sobrevoavam o veículo e pousavam na galhada do arvoredo em enorme algazarra, fazendo companhia aos macaquinhos que pulavam e faziam caretas.

Logo à frente, quando já haviam transcorrido cerca de dois terços do trajeto, um pequeno cervo atravessou a estrada, aos saltos graciosos. Simplício sentiu-se feliz naquele ambiente selvagem e cheio de vida que o fazia recordar os anos vividos livre na natureza, junto com o pai, a mãe e as irmãs, na saudosa região do Rio Congonhas.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Já no acampamento da empresa, Leonardo levou-o a conhecer as dependências. Mostrou-lhe o galpão, onde dormiria na companhia dos demais operários e o próprio Leonardo, e nele entraram a seguir.

- Essa vai ser a sua cama, meu amigo! –
Falou-lhe o rapaz mostrando-lhe uma cama simples de paus roliços na cabeceira e pés, e estrado de molas de aço. – Os colchões foram retirados e levados ao sol para secar. Busque-os lá fora, por favor, e escolha um para seu uso. Por aqui tudo fica muito úmido devido as chuvaradas que duram por semanas ou mesmo meses, até. E lençóis e travesseiros, creio estejam ali no armário. Procure-me se precisar de alguma coisa. – E afastou-se para o pátio a fim de cuidar das demais obrigações daquela tarde.

Simplício se dispôs a ajeitar suas coisas. Na cama ao lado um moço alto e magro parecia dormir. Porém levantou meio corpo e a seguir sentou-se na beirada da cama olhando para Simplício com um sorriso fácil estampado na cara.

- Olá!

Simplício o ignorou, fez que não fosse com ele que o rapaz falava. Mas este era insistente.

- Olá! – Repetiu, agora com mais ênfase, quase gritando.

Simplício não teve alternativa senão parar o que fazia para encarar o moço que continuava sorrindo e piscou-lhe um olho, antes de se apresentar:

- Chamo-me Plínio do Amor Amoroso.

Simplício julgou que o outro tirava um sarrinho da sua cara.

- Ué! – continuou o rapaz – Não riu do meu nome?

Simplício retrucou irritado:

- Não tenho motivos a rir!

O moço saltou da cama e veio até Simplício estendendo-lhe a mão.

- Não me leve a mal, amigo! É que você foi o primeiro a não rir do meu nome, desde que me conheço por gente!

...

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Na manhã seguinte o capataz levou os operários para o trabalho. Simplício permaneceu duas semanas no trecho, como diziam por ali, que significava pegar pesado na derrubada do mato e nas obras da construção de estradas e pontes. Além de o trabalho nas matas ser estafante devido o calor, eram atacados com frequência por nuvens de mosquitos e abelhas.

Agora Simplício entendia perfeitamente o motivo de Eduardo lhe falar na pensão, em São Paulo, que para se trabalhar no Mato Grosso é preciso fibra e coragem. E Simplício reconhecia que não tinha muito nem de uma coisa nem da outra.

Mas, quando Leonardo tomou conhecimento do fato de Simplício ser mecânico, transferiu-o para as oficinas da empresa. Nessa noite Simplício rezou pedindo a Deus uma graça especial aos seus amigos de Sertaneja, que lhe haviam ensinado a profissão. Além da mecânica de automóveis que seu patrão lhe ensinara, outro amigo, proprietário de uma oficina da Rua Governador Bento Munhoz da Rocha Neto, lhe dera noções de mecânica de tratores e ceifadeiras, e quanto isso lhe era importante

agora. Assim lembrou-se Simplício dos velhos amigos e lhes agradeceu por meio das orações!

Só havia um contratempo: Plínio era o chefe dos mecânicos e foi dele que Simplício recebeu as primeiras ordens. Simplício não tolerava os gracejos e piadinhas de gosto duvidoso daquele Amor Amoroso.

- E isso é lá nome que se preste? – Murmurou entre os dentes, falando consigo mesmo.

Mas, conforme o tempo transcorria, Simplício principiou a mudar de opinião a respeito do seu chefe. Conheceu o quanto era amigo e prestimoso, embora toda a sua chatice. Nunca o deixava sozinho na execução dos serviços pesados, e quando Simplício se enroscava nalgum conserto complicado, principalmente ao se tratar de motores de caminhão, Plínio o socorria, sempre com aquele sorriso no rosto, que era a sua marca registrada.

Então, quando passou ter plena confiança em Plínio, lembrando-se da promessa feita ao pai no dia que antecedeu sua morte, resolveu contar-lhe sua história, alimentando a esperança de saber algo dos parentes, pois o moço

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

falara-lhe que nascera e se criara no Mato Grosso conhecendo uma grande porção do território desse Estado.

- Rapaz! Parece história de Hollywood! Se não soubesse o quanto você é serio e ponderado, diria ser pura invencionice o que acabou de me contar! Só agora entendo o motivo da sua tristeza, cara! Também, não é para menos!

Simplício acabou por se sentir envergonhado. Era muita pretensão sua pedir ajuda logo ao Plínio, que classificara como um grande chato e ignorara por meses a fio no galpão do dormitório ou à mesa, na hora do jantar.

- Me perdoe!

Plínio ficou sem entender o amigo, mas já sabia de antemão que Simplício era assim mesmo: complicado, triste e retraído, completamente o contrário de si próprio que levava a vida na piada, sempre alegre com tudo e com todos.

- Mas você disse que o sobrenome da sua mãe era Silva! Já parou para pensar a quantidade de Silvas que andam por ai, nesse mundão de Deus? Além de você, existem pelo

D’Ori Vergalhão

menos dez ou doze somente aqui nesse acampamento. Imagine em todo o Mato Grosso!

Simplício ficou desanimado, mas bem que o amigo tinha razão. Procurar por Silvas não era realmente como o ditado popular dizia: uma agulha num palheiro.



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO



VILA REDONDA

Naquele domingo Simplício não tinha nada a fazer. Ainda cedinho, Leonardo e os demais operários foram à Sinop se divertir, mas ele e Plínio resolveram permanecer em Vera.

Plínio já fizera sua opção para o dia de folga, por sinal a corriqueira de todos os domingos: Pescar no Rio Estanho. Convidou Simplício que, embora relutante, terminou por aceitar.

Na realidade, Plínio não estava nem aí com a pescaria naquela manhã, tanto que ficou com o olhar perdido num ponto do rio onde bandos de paturis nadavam, e nem se ocupou a fisgar o peixe que beliscara a isca por diversas ocasiões até conseguir arrebatá-la do anzol. Seu objetivo, naquele domingo preguiçoso, era bem outro: tentar tirar do rosto do amigo, pelo menos por algumas horas, aquela tristeza impertinente que o perseguia dia e noite, e que terminava por contagiar a Plínio o entristecendo também.

Principiou o diálogo com Simplício falando-lhe de assuntos locais que o pudessem

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

interessar, e também para prepará-lo para algo que a muito queria lhe dizer:

- A Companhia, além de Vera e Sinop, deve fundar outras duas cidades aqui na Gleba Celeste, como é denominada essa área de 645 mil hectares do Mato Grosso: Santa Carmen e Claudia. Você percebeu a preocupação da nomenclatura feminina para esses três centros populacionais? É uma aspiração antiga dos colonizadores João Pedro Moreira de Carvalho e Ênio Pipino, que pretendem assim valorizar a figura da mulher nos seus empreendimentos imobiliários.

Simplício acenou afirmativamente com a cabeça, porém demonstrou pouco interesse pelo palavreado do amigo.

Mas uma característica forte de Plínio ao se empenhar num objetivo, era não desistir nunca. Perguntou então a Simplício se queria ouvir uma história muito antiga, que o avô lhe contara quando criança.

E mesmo sem qualquer manifestação positiva ou negativa do amigo, principiou a narrativa como se começa qualquer história, seja da carochinha ou não:

D'Ori Vergalhão

- Era uma vez Romualdo, um chofer de coletivo de uma cidade muito grande, que cansado de sofrer assaltos e outras agruras nas linhas onde trabalhava, resolveu um belo dia a mudar de ares.

Comprou um mapa do Brasil e se pôs a vasculhar cada região, procurando nas mais remotas a menor cidade onde transferir sua residência.

Encontrou, num cantinho perdido do mapa, um minúsculo ponto preto e logo abaixo dele a indicação: Vila Redonda. Fez as malas no mesmo dia e viajou para lá.

Vila redonda, além de pequena era também muito pobre. Mesmo assim, tinha uma empresa de lotação possuidora de um único ônibus, já que não precisava mesmo de mais nenhum outro. E coincidência ou não, a função de motorista do coletivo estava vaga.

Romualdo ficou muito contente, pois embora os pesares gostava da sua profissão; e imediatamente entregou o seu currículo nos escritórios da Viação Redondasca, sendo aprovado e chamado a trabalhar no mesmo dia.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Animado se pôs ao serviço, ruminando com seus botões:

- Por aqui, pelo menos, não há assaltantes de ônibus. Já é um consolo!

Porém, no final do primeiro mês de emprego, Romualdo descobriu a razão por que ninguém se dispunha trabalhar como motorista de ônibus em Vila Redonda.

Como o nome da cidadezinha sugeria, os moradores de Vila Redonda eram todos obesos; dessa forma a receita proveniente do transporte urbano se tornava deficitária, já que o prefeito promulgara uma lei municipal proibindo usuários do coletivo viajar em pé. Então, por ser muito gordos, cada qual ocupava os dois bancos da fileira, o que resultava numa redução ao meio dos passageiros a que comportava cada horário.

Foi assim que Romualdo amargou o holerite no final do mês; por força das circunstâncias, seu ordenado também acabou sendo reduzido pela metade.

Mas Romualdo não desanimou. Criativo, teve uma idéia genial: Foi até a cidade vizinha, chamada Vila Palito e adquiriu, duma academia

de ginástica, a preço de batata doce, aparelhos que estavam em liquidação. Acontece que em Vila Palito, ao contrario de Vila Redonda, todos os habitantes eram muito, muito magros. Daí a academia estar à falência e seus proprietários resolverem vender os aparelhos para abrir uma pastelaria nas suas dependências.

Trouxe os aparelhos para Vila Redonda, e retirando todos os assentos do ônibus montou uma academia ambulante, onde os passageiros podiam malhar enquanto viajavam.

Sua iniciativa foi um sucesso, pois com ela muitos que não utilizavam os serviços de transporte em Vila Redonda passaram a fazê-lo, a fim de usufruir da academia sobre rodas, que além do mais era a única na cidade. Isso fez seu patrão tão contente, que lhe prometeu um gordo aumento de salário.

Tudo correu muito bem até o primeiro enfarto. Um redondo de Vila Redonda sucumbiu enquanto malhava, no interior do ônibus.

O motorista, claro, foi responsabilizado no ato e processado pelo juiz da comarca, que entre os agravantes encasquetara que o fatídico

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

ocorrera pela ausência de um vip trainer nas dependências da academia.

Então Romualdo foi dispensado dos seus serviços, na Viação Redondesca, por justa causa. Seu empregador alegou à Justiça do Trabalho que o incauto motorista fizera as modificações no ônibus sem conhecimento da diretoria, o que era uma mentira gorda como quem a proferira, mas Romualdo andava sem ânimo algum para contestá-la.

Depois de ajeitar sua situação perante a lei, Romualdo novamente desgostoso procurou o mapa do Brasil nos fundos da sua mala, e o esquadrinhou a procura de outra localidade propícia para fixar sua residência. Já na madrugada do dia seguinte se despedia de Vila Redonda.

- Matusalém! Aí vou eu!

Também em Matusalém Romualdo soube que havia um único ônibus de transporte da coletividade e, vejam só! Estava momentaneamente sem o motorista para conduzi-lo. Teimoso, como era a única coisa que aprendera a fazer na vida, solicitou o emprego.

Romualdo respirou aliviado, pois constatou que em Matusalém não havia nenhum gordo; mas, desilusão das desilusões, todos os seus habitantes eram velhos, e em cumprimento ao estatuto do idoso, viajavam de graça.

Romualdo cismou que sem renda no transporte urbano, também não haveria ordenado.

Assim, utilizou as economias que lhe restavam para comprar quitutes da Dona Luzia Quitandeira e revendê-los aos usuários do coletivo, a fim de ganhar alguns trocados para poder sobreviver.

Julgando-se um completo azarão, novamente Romualdo foi intimado pela justiça, agora acusado de elevar o nível de colesterol ruim no sangue dos matusalenses. Mas o juiz além de ser velhinho era compreensível, e decidiu arquivar o processo desde que Romualdo deixasse a cidade já nas próximas horas.

Tornou a sacar o mapa de dentro da sua mala e se pôs a procurar um novo lugar para morar. Dessa vez Romualdo foi parar mais longe, lá onde o Brasil escorrega, mas não cai.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

O nome da cidadezinha não era totalmente fora de propósito. Chovia muito naquela região e a terra era vermelha, lamacenta e lisa. Então era comum se ouvir na rua, nos dias chuvosos: Ôôôh! Ôôôh! Mas ninguém estava freando cavalos, não! Eram os transeuntes escorregando na lama! No entanto todos tinham aprendido a lidar com esse problemão: Escorregavam, mas se equilibravam e não caíam. Pelo menos, não com frequência.

E se isso acontecia, nunca riam do pobre coitado que enfiara o nariz na poça de lama, pois os cidadãos de Escorrega Mas Não Cai eram todos educados e muito respeitadores; porém não o ajudavam a se levantar. Preferiam todos, homens, mulheres e crianças, também se lançar por gosto e espontaneamente no lamaçal e aí sim davam gostosas gargalhadas.

Então, virava um verdadeiro festival em Escorrega Mas Não Cai, todos escarrapachados e enlameados até a alma, igual porquinhos. E quando se cansavam dessa brincadeira, faziam bolotas de barro e as atiravam uns nos outros, acumulando pontos quem acertasse mais vezes as fuças do vizinho.

E assim a algazarra perdurava até o cair da noite, quando todos escorregavam para o ribeirão a fim de tomar um bom e merecido banho.

De tal forma, Escorrega Mas não Cai era afinal um lugar muito alegre! Tão alegre, que ninguém ficava com dor de cabeça por lá. E festivo, também! Não se passava semana sem que tivesse pelo menos duas ou três festas, hoje de casamento ou nascimento, amanhã de aniversário, e até quando alguém morria, festejavam.

E nesses dias ninguém podia cair na lama, pois estavam todos vestidos nos seus trajes de gala.

Foi assim que Romualdo teve outra boa idéia: Comprou uma parelha de bois e um carroção, e escreveu com letras grandes e ovais na traseira do veículo:

LOTAÇÃO

E para felicidade dos habitantes de Escorrega Mas Não Cai, Romualdo nos dias de festa transportava as famílias de um lado para o outro da cidade, pois os bois não escorregam na lama, já que têm quatro pés, e o carroção vez ou

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

outra derrapava um pouquinho, mas isso era ótimo para dar um friozinho na barriga dos passageiros.

Só demorava uma vida para se chegar ao destino, mas pressa por ali era algo que ninguém nunca tinha mesmo!

E embora Romualdo jamais visse a cor do dinheiro, desde que por lá era coisa que os escorreguenses também não viam, ficava contente e muito satisfeito com os ovos e legumes que recebia por pagamento dos seus serviços.



Ao termino da narrativa, Plínio permaneceu alguns momentos calado, olhando bem nos olhos de Simplício. Depois lhe falou:

- Talvez esteja você pensando o porquê do seu tempo ser tomado com uma historia

banal como essa. Mas eu quis contá-la por dois motivos, além do fato de tentar lhe mostrar que no nosso dia a dia, nada é inteiramente obsoleto ou sem sentido, assim como não há casualidade. Tudo acontece dentro de um esquema pré-determinado pelo Criador, entende? Mesmo fugindo da nossa limitada compreensão, como a morte de alguém que nos é querido ou momentos trágicos como os seus, na sua infância. E também, nada é dispensável, como julgamos inúmeras vezes. O que parece não importar a José pode ser muito importante para Maria, ou vice e versa. -

Atirou uma pedrinha n'água e sorriu.

- Digo-lhe que quando eu era criança, pedia a Jesus que fizesse o milagre de não deixar a balinha doce, que o papai às vezes me trazia da cidade, dissolver na minha boca, e assim eu a pudesse chupar para sempre. E eu não me recordo de ter pedido a Jesus que fizesse milagre semelhante com o pedaço de carne que mamãe me forçava a comer no almoço, ou com o copo de leite que me trazia a noite, ao deitar-me para dormir, embora mamãe ensinasse que a carne e o leite me eram importantes, mas balinhas não pois estragavam os meus dentes. Para mim, criança, a balinha doce, que também

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

era bem mais barata do que a carne ou o leite, era mais importante, compreendeu?

- Nesse momento Plínio silenciou-se e ficou contemplando novamente o rosto de Simplício. Depois, deu continuidade:

- Agora, vamos lá! O primeiro motivo, talvez principal, foi lhe trazer alegria, embora tenha certeza de não o ter conseguido.

O segundo é mostrar-lhe que embora os tropeços que a vida às vezes nos impõe, temos que ser perseverantes como Romualdo, o personagem da história, e nunca desistir ou nos julgar fracassados, pois Deus sempre nos prepara algo de muito bom no final das contas. E eu tenho certeza que é isso que vai acontecer a você, comigo, com todos aqueles que acreditam na vida. -

Olhou Simplício atentamente e tocou-lhe o ombro.

- Você prometeu ao seu pai encontrar suas irmãs, e não conseguiu cumprir o prometido; mas não deve se considerar culpado ou fracassado, por não ser culpa sua! O que importa é você ter tentado conseguir e não, não ter conseguido.

Muitas vezes, durante nossa vida, Deus parece agir na contramão dos nossos propósitos, mas o resultado final vindo de Deus termina por ser sempre o mesmo, e também sempre muito bom! -

Calou-se novamente e observou Simplício que, ao contrário do brilho de um sorriso nos olhos e na alma que Plínio pretendia conquistar-lhe, escondeu o rosto com as mãos e desatou a chorar.

Plínio esperou Simplício se recompor e lhe falou num sorriso:

- E se ao invés, suas irmãs lhe encontrarem?



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO



UM PARENTE INESPERADO

Na folga do almoço daquele dia Simplício aproveitou o descanso para organizar sua mala. E entre os poucos pertences do pai, que guardara consigo, encontrou a certidão de casamento.

Inúmeras vezes Simplício estivera com aquele documento nas mãos, mas essa era a primeira vez que se decidira desdobrar a envelhecida e já deteriorada folha da certidão, e dar uma olhada nos seus escritos.

E teve aí um sobressalto ao ler o nome da mãe antes de receber o sobrenome do pai, Silva, por ocasião do casamento.

- Diacho! Como sou curto de raciocínio! – Exclamou. Em todos os seus anos de vida achara que o sobrenome da mãe sempre fora Silva, como o pai.

Levando consigo a certidão, foi à procura de Plínio no refeitório, mas o amigo acabara de sair em companhia de Eduardo. Simplício dirigiu-se às pressas ao pátio, e vendo a camioneta se afastar lentamente pela estrada, conduzindo os amigos, correu atrás acenando.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Eduardo, que a dirigia, pisou os freios por um momento, esperou Simplício se aproximar ofegante:

- Plínio! Você me disse certa vez que meu sobrenome é bastante comum, que existem Silvas aos milhares.

- Falei sim! E não estou certo? Há mais Silvas por aí que micuim em cangote de cachorro andejo! – Respondeu, em tom de brincadeira, ao amigo.

- E o seu? Amoroso também é comum?

Plínio deu uma sonora gargalhada:

- Creio que não! Pelo que sei, tal disparate é restrito à minha família!

Eduardo era um tanto impaciente e não esperou Simplício terminar o que pretendia dizer ao Plínio. Acelerou, e em minutos desaparecia na curva da estrada, meio a uma grossa nuvem de poeira.

Simplício esperou ansioso o retorno de Plínio até altas horas da noite, mas o rapaz não chegou, sequer na manhã do dia seguinte. Tinham ido, ele e Eduardo, examinar quatro tratores de esteira que uma madeireira das

imediações de Tapurah pretendia vender aos patrões, e devido à precariedade das estradas e ameaça forte de chuva, haviam decidido pernoitar por lá.

Já passara do meio dia quando retornaram, mas Plínio não foi ao trabalho na oficina; tirou o restante do dia para descansar.

Ao entardecer Simplício não se conteve; foi importunar o amigo no dormitório. Mas Plínio era o que se pode chamar de boa praça e não se irritava por pouca coisa. Aliás, não se irritava com coisa alguma! Levava tudo no esporte e sempre tratava cada momento da sua vida com perseverante otimismo e cuca fresca.

Naquele momento dormia a sono solto e roncava como um Ford velho.

Simplício sorriu como há tantos anos pouco conseguira fazer, saltou por sobre a própria cama para aproximar-se mais do amigo e o cutucar levemente. Falou-lhe com uma cara alegre:

- Plínio! Vim lhe dar um abraço!

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

O rapaz espreguiçou-se, coçou o sobrolho e fitou Simplício com olhos miúdos. Então falou grosso, ainda sonolento:

- Um abraço? Saiba você que embora seja eu um sortudo com as mulheres, também não dispenso nunca um abraço munido de um par de belos bigodões!

Simplício retraiu-se, voltou a ficar sério:

- Desculpe-me! Só quero mostrar-lhe algo que descobri ontem.

E se limitou a estender ao amigo a certidão de casamento dos seus pais.

- Leia aí o sobrenome da minha mãe, antes de casar-se:

Plínio abriu bem os olhos e leu com dificuldade, no velho e amarelado papel, o nome de solteiro da mãe de Simplício:

- ... Amoroso.

Lançou um olhar longo e indagativo a Simplício ali ansioso em pé à sua frente:

- Amoroso... Amoroso... Acho que esse sobrenome não me é estranho! Sim, tenho

certeza absoluta de que já o ouvi uma quantidade infinita de vezes antes!

E abrindo os braços esculpiu um sorriso do tamanho da Esfinge na sua redonda e alegre cara:

- Simplício, meu amigo e parente! Serei eu a lhe dar um abraço!

Levantou-se num salto, todo feliz da vida, se abraçou a Simplício e o apertou contra o seu peito com tal vigor, que fez o moço perder o equilíbrio e se chocar contra o estrado da cama, quase o fazendo sentar-se.

- Eu não estava errado! – Bradou Plínio vibrando de entusiasmo. - Desde o início senti que havia algo de muito forte entre nossas pessoas, uma espécie de intuição que só pode surgir do mesmo sangue que corre nas nossas veias e nos irmana, nos faz iguais, focinhos um do outro, entende?

E continuou:

- Somos parentes, sim, cara! Já não há como negar isso! Dá cá outro abraço!

...

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Ao término de duas semanas, Plínio levou Simplício consigo para Cuiabá, em visita aos familiares.

- Não! Nem todos os parentes moram aqui na capital. Há dois tios e primos que residem em Pedra Preta e um sobrinho vive só em Marcelândia. - Ressaltou uma tia em conversa com Simplício.

- Temos também parentes em Itumbiara e em Brasília. Esses já há alguns anos não os vemos nem deles temos notícias, mas em relação aos demais que moram no Mato Grosso mantemos contato permanente. E posso lhe garantir que nunca existiu alguém com o nome Doralice na nossa família. Pelo menos no Mato Grosso a chance é praticamente zero de você encontrar suas irmãs. Com certeza saberíamos se estivessem por essas bandas.



Simplício ainda permaneceu em Vera por ano e meio, mas quando Plínio desligou-se da Companhia e foi trabalhar em Cuiabá, não aceitou o convite que lhe fez o primo de estabelecer residência com os familiares naquela capital.

Despediu-se do parente e amigo com a promessa nunca cumprida de que voltaria para visitá-lo, juntou seus pertences e foi para Goiás, decidido a conhecer os parentes daquele Estado e certificar-se de que nada tinham mesmo a ver com o rapto de Maria Lucia e Dinha.

Porém não conseguiu localizá-los em Itumbiara e desistiu de ir até Brasília, pois o pouco dinheiro que levava se esgotou rapidamente.

Disposto a retornar para Sertaneja, conseguiu uma carona com um caminhoneiro que transportava bois para uma cidade próxima a Barretos, no Estado de São Paulo, mas terminou por arranjar um emprego numa oficina mecânica, com a ajuda do próprio caminhoneiro que o trouxera, em Monte Azul Paulista.

Três anos após estaria se mudando para São José do Rio Preto de onde não mais saiu, embora o desejo antigo de retornar à sua terra

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

natal, no Paraná. Ainda que a saudades fosse grande, um sentimento mais forte o afastaria da sua querida cidade de Sertaneja, para sempre. Voltando o faria como um fracassado, já que falhara em ambas as missões a que os pais o haviam incumbido.



Agora, aos sessenta e cinco anos de idade, mergulhado em tal pazada de tristes, mas também de boas e saudosas lembranças, Simplício chegara à conclusão de que os anos haviam passado muito depressa.

E embora tanto sofrimento e angustia, tinha ainda disposição para as rotinas do dia a dia. Já há anos trabalhava numa oficina da Avenida Arthur Nonato, e fazia questão de levantar-se bem de madrugada para percorrer a pé os três quilômetros que separavam sua moradia do local do trabalho.

No entanto, há dias Simplício não se sentia bem. Um mal estar estranho e pertinaz

minava os seus ânimos ao ponto de atrapalhar-lhe o sono... Aquela sensação má de que algo não estava legal no seu organismo.

Julgou serem resquícios da idade e o fato de ter trabalhado tantos anos sem o gozo de férias.

Naquela manhãzinha, então, sentiu-se fatigado ao atravessar a passarela sobre a Rodovia Washington Luiz, que une as avenidas marginais. Foi quando avistou, sob as seringueiras, meio ao capinzal que tomara conta da região, a velha e enferrujada cama de ferro que alguém ali descartara dias antes.

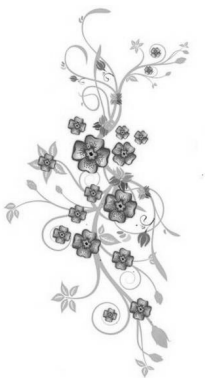
Consultou o relógio que trazia no pulso e viu que faltavam ainda quarenta e dois minutos para a oficina iniciar as atividades daquele dia.

Como Simplício desejou que a cama contivesse naquela manhã um colchão, mesmo que fosse velho e roto, para poder descansar por alguns minutos antes de completar as duas centenas e meia de metros que o separavam do local do trabalho. Mas somente havia, sob o arvoredor, a ferragem fria e retorcida da velha cama.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Trabalhou durante aquele dia com fortes dores no corpo, sentindo a cabeça rodar a todo instante.

Quase ao findar da tarde, seus colegas de serviço estavam ligando nervosamente para um hospital pedindo uma ambulância com urgência. Simplício sofrera um gravíssimo AVC e se encontrava desfalecido no interior do barracão da oficina.



O COLCHÃO MÁGICO

Simplicio corria pelas ruas da cidade, feito doido. Estava atrasado para o seu trabalho, naquela manhã. Corria e ao mesmo tempo flutuava, como se fosse apenas uma folha arrastada pelo vento ou talvez o próprio vento, quem sabe. E embora aquela intrepidez a que obrigava ao seu corpo e que o fazia ágil e irrequieto, sentia-se cansado, muito cansado. Um cansaço que o minava por completo, como se todo o seu organismo falhasse inexoravelmente. Tinha o cérebro entorpecido e o coração pulsando fracamente, perigando parar.

Mas não julgava que morria! Lutava com a garra que Deus dá à pobreza e que a faz viver de absoluta teimosia.

O sol estava forte naquela manhã e pareceu-lhe ter algo estranho a lhe atravancar a boca e as narinas; sons inteligíveis e intermitentes martelavam-lhe o cérebro.

Ao mesmo passo que se via a correr e a flutuar ao ar livre daquelas horas, tinha a sensação de que algo o mantinha imóvel, preso a um local desconhecido e torturante.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Descobriu que podia atravessar as ruas sem preocupação, já que os veículos, em sua habitual pressa de cumprir horários, nunca o atingiam.

Também o maravilhou o fato de poder se enxergar atravessando a passarela da marginal, como se fosse outrem a observá-lo à distância.

Enfim, viu-se ante a cerca de arame farpado. Lembrou-se então de espiar, por entre os grossos troncos das seringueiras, a velha cama ali jogada sobre as touceiras de capim.

Notou que naquela manhã alguém a havia ajeitado bem ereta, como se estivesse num chão nivelado e assoalhado, e nela colocado um colchão. Olhando-o da calçada por sobre a cerca, não demonstrava estar em mal estado. Provavelmente não fosse novo, mas o tecido pareceu-lhe limpo e nele se estampavam lindas e grandes flores vermelhas e azuis sobre ramos de folhas verdes e lustrosas.

Simplício olhou o relógio de pulso e constatou que faltavam vinte e sete minutos para o início da jornada de trabalho na oficina.

Curioso, atravessou a cerca de arame e se aproximou da cama. Sentia-se exausto, as per-

nas trêmulas, não conseguiu assim dominar o desejo de deitar-se, por uns momentos, naquela cama diligentemente arrumada sob as árvores da marginal.

- Provavelmente seja algum andarião que trouxe esse colchão para a cama, mas se ele chegar resolve-se a questão facilmente. Dou-lhe dez reais para um café e peço-lhe desculpas pelo transtorno.

Ao deitar-se, Simplício sentiu algo estranho e inesperado. Tendo fechado os olhos por alguns segundos, quando os abriu percebeu que toda a paisagem ao seu redor mudara-se como num passe mágico e, por entre a densa folhagem das árvores, nos espaços por onde se avistava um lindo e radioso céu, fluíam clarões de um sol azulado e luminoso, a transformar cada pormenor dos objetos ao alcançar da vista em tons de luz muito belos e aconchegantes.

O capinzal desaparecera por completo e longos canteiros ajardinados ostentavam flores e vegetação lindíssimas, irradiantes daquela luminosidade que descia do espaço e as realçava.

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Simplício ouviu risadas e gritos de crianças em seus folgedos, entretanto não as conseguiu enxergar.

Porém avistou ao longe um jovem e bonito casal passeando a passadas lentas por entre as flores dos jardins, que em seguida terminou por desaparecer no interior da vegetação alta que cobria determinado trecho, para surgir novamente, agora do lado oposto da cama, abraçados e felizes, vindo a seguir em sua direção. No entanto, aquele homem e aquela mulher não pararam ao passar ao seu lado; mas olharam-no com amor e o abençoaram, continuando a caminhar, logo se ocultando mais uma vez por entre os arbustos floridos.

Sentou-se sobre a cama e forçou a vista numa tentativa de conseguir enxergar um pouco mais daquelas magníficas e misteriosas pessoas, mas ao fazer isso, a bela paisagem ao seu redor esvaeceu voltando a ser o que sempre fora nos longos anos que por aquelas cercanias transitara: velhas seringueiras e o capinzal espesso que foice, por afiada que fosse, conseguira jamais domar.

Simplício julgou que estava a ficar louco. Ou que simplesmente adormecera por aqueles

breves minutos; então tudo não passara de um lindo e reconfortante sonho.

Levantou-se de vez e correu em direção à cerca para atravessá-la; ao fazê-lo, olhou novamente a cama entre o capim. Já não havia mais colchão algum e agora a mesma encontrava-se inclinada, com um dos pés atolados na terra umedecida pela chuva fina que caíra durante a noite passada.

Veio novo dia e Simplício chegou àquela cerca como se sucedera em tantas manhãs da sua vida, mas agora ressabiado e confuso.

E lá estava a velha cama, outra vez mais ajeitada por mãos secretas e cuidadosas; provavelmente as mesmas mãos que trouxeram o colchão. Pareceu a Simplício ser o mesmo da manhã anterior, mas o colorido das flores era diverso, agora umas amarelas e outras de um tom alaranjado forte, embora as ramagens no tecido fossem as mesmas.

Simplício seguiu adiante, como a querer escapar daquela visão que acabava por lhe trazer aflição e medo. Mas, tomado pela magia que a tudo envolvia ao redor de si naquele

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

instante, voltou a seguir, atravessou a cerca, e embora temeroso, deitou-se sobre o colchão.

À suavidade daquela luz azulada e revitalizante que o céu fluía por entre as ramagens açoitadas por ciciosa brisa, sentiu que adormecia serenamente. E mesmo adormecido avistou a vastidão de flores que o circundava e ouviu novamente aqueles gritos e risos de crianças alegres a brincar. Vibrou de entusiasmo entretanto ao vê-las num relance, saltitantes e felizes, no brinquedo de rela-rela.

Havia também um cachorrinho, que latia e pulava aos pés das crianças, fingindo mordê-las carinhosamente.

Foi então que vislumbrou o casal, o mesmo da manhã anterior, que iluminado pela tênue luz azulada saía dentre as flores, desta vez caminhando serenamente em sua direção.

Outra vez mais não pararam. Sorriram ao passar ao lado de Simplício e o abençoaram, antes de se ocultarem entre os arbustos que se estendiam logo adiante.

Simplício tinha sua atenção voltada agora às crianças brincando entre as flores. Sentia alegria por vê-las, e ao mesmo tempo tristeza

pelas lembranças do passado que de súbito afluíram à sua mente.

Percebeu que uma menina se separara do grupo infantil e corria agora para aquele lado, perseguida por um garoto moreno descalço e vestido somente de um calção surrado sujo de terra.

- Eu lhe pego, baixinha invocada da pá virada! – Gritou incontinente à menina, ao passo que a perseguiu.

Simplício sobressaltou-se ao ouvir aqueles dizeres, por lembrar-se que, em criança, assim falava à Dinha quando a queria irritar.

Naquela hora sentiu-se amargurado, arrependido do mau procedimento para com sua irmãzinha nos já distantes anos infantis.

Como seria bom poder voltar atrás no tempo e brincar com Dinha e Maria Lucia, ao invés de permanecer o tempo todo com João Sardento e os demais amigos ingratos, tal fizera nos anos de sua meninice.

Viu a garotinha aproximar-se sorridente e feliz, subir na cama e passar por sobre ele para chegar do outro lado, porém não sentiu o

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

pequeno corpo infantil pesar sobre si, como normal teria acontecido. Então a pequenina, já tendo alcançado o lado oposto, correu pressurosa em direção a uma grande árvore, mas terminou por sorver-se misteriosamente no lume daquelas horas, e quem galgou o áspero e nodoso tronco não foi a criança, como julgava suceder Simplício, mas sim uma esbelta e querida gata que agilmente chegou ao topo, e desapareceu por entre os galhos frondosos e verdejantes de tenras folhas luzidias.

Simplício, impressionado com a visão, sentou-se sobre a cama. E novamente todo aquele esplendor se esvaeceu e a paisagem voltou a ser o que sempre fora.

...

Nos dias seguintes evitou passar por aquele local. Desviou seu caminho por outra rua, mesmo tornando o trajeto para o seu trabalho mais longo.

Porém Simplício não tinha certeza de nada do que acontecia agora em sua vida. Era plausível não transcorrer dias coisa alguma, e todos os acontecimentos estarem se dando em

seqüência; ou mesmo tudo acontecer numa única fração de segundo ao mesmo tempo.

E, num impulso do qual já não conseguiu fugir, voltou a fazer o antigo trajeto, e assim se deparou uma vez mais ao lado do colchão mágico. Tinha certeza agora ser o mesmo, somente as flores do tecido é que se alteravam de cor. Nessa manhã eram todas brancas, de um tom alvíssimo, ao ponto de magoarem os olhos que as viam.

Deitado mais uma vez sobre o colchão, Simplício dormiu por poucos minutos. Ao despertar vislumbrou ao seu lado, sentado numa cadeira, um senhor idoso e sorridente que o fitava com bondosos olhos.

- Já não se lembra de mim, pois não?

Simplício apenas se limitou a negar mexendo com a cabeça.

- Sou Dr. Waldemar Scardazzi, seu médico. Fui enviado até aqui para examiná-lo.

Simplício agora se lembrou:

- Dr. Waldemar? Estou eu então em Sertaneja, novamente?

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

O médico sorriu ao lhe falar:

- Não existem fronteiras! Sertaneja é aqui, Vera é aqui, assim como São José do Rio Preto é aqui!

Simplício voltou a olhar as imediações agora tomadas por uma quantidade enorme de pessoas. Dentre todas o casal se destacou e, braços dados, abeirou-se da cama desta vez parando por alguns segundos. Com um sorriso aquela mulher e aquele homem, que pela terceira vez visitavam Simplício, o abençoaram.

Comovido, Dr. Waldemar os acompanhou com o olhar ao se afastarem e com estranheza falou a Simplício:

- Não os reconhece? Jesus, na sua sabedoria e justiça, os livrou de todas as mazelas tornando-os eternamente felizes. Até os fez mais jovens, percebe?

Nesse momento mais alguém se aproximava.

- Vejo que você está esquecido! – Exclamou o médico – Vou refrescar-lhe a memória então. Esse senhor é Temístocles Mendes Vilella, professor de ensino funda-

mental. Veio por mandato do Professor Ramos que envergonhado e arrependido por não ter cumprido a contento os seus deveres de docente, quer lhe pedir perdão.

Simplício agradeceu ao idôneo professor, mas em seguida fitou indagativamente duas senhoras que estavam a conversar sob as flores de um lindo ipê amarelo; ambas belas e sorridentes de lá o saudavam. Dr. Waldemar embevecido as observou:

- A que está à direita, e embala ternamente um bebezinho no seu colo, é Dinorah Pinheiro, e a outra moça é sua irmã Dinah. E, veja além, outras duas senhoras que nesse momento promovem atividades com as crianças, nos jardins: São Edith Molitor Souza e Eternina Gonçalves.

Agora um grupo de homens estava a se aproximar. O médico os foi indicando enquanto falava com Simplício.

- Sidney Valério, e o que traz consigo uma luneta de metal é Nino; ensinaram-lhe mecânica quando você ainda era quase um garoto. E, ao lado, Gaudêncio Martins Dantas, Gabriel Ré Rebert Ligeiro, ambos excelentes sapateiros;

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

Massahiro Nagayoshi, Alberto e George Germano, comerciantes da Rua 15 de Novembro; Professor Antonio Bitont, que atirava pontas de giz e tampas de canetas nas cabeças dos seus alunos, ao fazerem travessuras, mas deixou saudades em tantos corações. - E Pedro Okuyama especializado em auto elétrica.

E ao ver outras pessoas que chegavam:

- O bom e modesto Antonio Fumeiro, está lembrado? Dona Francisca, a parteira experiente que trouxe à luz tantas criancinhas. Benedito Custódio Ferreira, renomado dentista e José Kiataque, farmacêutico. E Ali, mais além, Antonio Mulari, da fábrica de doces. Você o taxava de mão de vaca. – Piscou um olho ao Simplício – Pois após as aulas por vezes visitava a fábrica e Antonio nunca lhe deu uma paçoquinha sequer! – Sorriu achando ele próprio graça do que dissera.

Então mostrou uma linda senhora a conversar com um japonês idoso:

- A caridosa e santa Nair Cremasco Stellato. Ela intercedeu, junto ao pioneiro Massagi Nagano, o emprego ao seu pai, na granja.

Sorriu alegre agora ao vislumbrar quatro elegantes jovens que se aproximaram e permaneceram por alguns minutos, aos pés da cama, acenando para Simplício.

- Ah! Dessas mocinhas garanto que você se recorda! Alice, da família Doi, Helena e Marlene Hayashi e Tieko Araki. Você as achava “crânio” na escola, lembra-se?

Simplício sentiu-se constrangido e talvez para disfarçar sua timidez, encolheu o braço e olhou o relógio. Fez menção de se levantar do colchão.

- Estou atrasado para o meu serviço!

Dr. Waldemar meneou a cabeça e levou sua mão ao peito de Simplício, forçando-o a permanecer deitado. Fez um sinal com os dedos e falou em meio a um sorriso:

- Você está confuso! Hoje é domingo, meu caro! E quanto eu saiba, com exceção de alguma emergência, mecânicos não se dão ao trabalho nos finais de semana! Fique quietinho aí, que agora o vou examinar. Mostre a língua! Diz ahhhh! Respire e aspire fundo! Deixe-me sentir o seu pulso e as batidas do coração!

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

A seguir o médico guardou seus aparelhos na sua pequena maleta e terminou:

- Agora procure se tranquilizar! Durma mais um pouco e você acordará um novo homem! Durma!

...

E Simplício dormiu. Nunca o soube com certeza por quanto tempo e em qual situação, mas adormeceu profundamente.

Depois, sentiu que despertava aos poucos, ao tempo que ouvia vozes sussurrantes ao seu lado.

- Um verdadeiro milagre! Está saindo do coma!

Abriu lentamente os olhos e vislumbrou os vultos brancos dos médicos, ao seu redor.

Mas sentiu que ainda tinha sono, muito sono. E eis que adormeceu serenamente outra vez e ao despertar, então, não mais avistou os médicos ao seu lado. Porém viu, como num encanto grato de magia, a porta do quarto de hospital se abrir para deixar entrar duas

mulheres que se achegaram sorridentes ao seu lado.

Haveriam de lhe contar mais tarde que tinham tido um estranho e simultâneo sonho, no qual um casal muito feliz e resplandecente de luz azul as abençoara e lhes revelara onde encontrá-lo.

Simplício não lhes podia falar, devido os tubos que lhe tapavam a boca e entravam pelas narinas. Sequer podia se mexer com facilidade, em vista aos inúmeros aparelhos que o mantinham inerte sobre a cama. Mas as olhar Simplício podia!

E aquelas mulheres, ao se deparar com Simplício naquele leito de hospital, não lhe revelaram quem eram elas, talvez pela emoção daquela hora ou por puro esquecimento. Mas Simplício sabia que o seu coração não o enganava!

A primeira, embora os anos avançados, demonstrava estar forte e saudável e era dois anos mais velha do que ele.

E a segunda, apesar do aspecto frágil e doentio que aparentava, era muito bonita e

SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO

tinha todo um jeito assim de artista de cinema...
E era oito anos mais nova que Simplício.



Estrada que conduz ao Rio Congonhas:



SIMPLÍCIO E O COLCHÃO MÁGICO